

A infinitude de Jorge Kantor

Dizem que a uma certa altura da vida você não faz mais novos amigos. A uma certa altura da vida, fora do pequeno círculo de afetos cotidianos, não se compartilham mais aquelas intermináveis horas de ócio e aventuras com os amigos. Muitas vezes são apenas momentos; momentos preciosos, no entanto, cuja intensidade não fica muito distante daquela compartilhada com amigos de maceração mais lenta. Era o que eu pensava em relação ao convite para lembrar Jorge Kantor. O que me autoriza – como alguém que não o conhecia há tantos anos, alguém que mora numa cidade diferente de Lima, onde Jorge acordava todas as manhãs – a somar as minhas palavras à memória que começa a se construir de alguém no momento em que deixa a (nossa) vida?

Talvez o que me autorize seja apenas o desejo de fazê-lo. Ou o carinho que Jorge, com movimentos austeros, soube despertar em mim. Ou pensar, como Javier Cercas, que a memória é o céu para os que não acreditamos no céu.

A morte de Jorge Kantor comoveu muitos de nós. E não porque não haja mortes ao nosso redor – elas existem em todos os lugares, em uma escala que às vezes parece ameaçar a sobrevivência ética da espécie. Me comoveu não só porque ele era, para os padrões atuais da medicina, muito jovem para morrer, mas também porque estava idealizando projetos, e ninguém deveria morrer enquanto fosse capaz de imaginar o futuro de um modo desejante.

Jorge havia trabalhado em *Calibán*, como parte dessa comunidade latino-americana da qual me sinto parte, e no *Board* da IPA. E em muitos outros lugares também, mas essa é apenas uma mostra dos espaços que tornam nosso ofício menos solitário, o que permite que cada analista que escuta uma porção de pacientes em diferentes coordenadas faça parte de um movimento. Eu conversava com Jorge como partícipes do mesmo movimento, repassando minha experiência com a revista latino-americana, recebendo a dele como antigo membro do *Board*. A transmissão da experiência, habitual entre mestres e discípulos, entre pares – pois Jorge pertencia a uma geração que não era a minha, mas também não era a dos mais velhos – é como partilhar o desejo de que um fogo continue aceso.

Eu conversava com Jorge caminhando por Lima ou por escrito ou por telefone, cada um da sua casa, nos corredores daqueles tão saudosos encontros presenciais ou pelas telas (que já se tornaram muito comuns) para cuidar, junto com muitos outros, de manter essas brasas acesas.

Como as amizades costumam se irradiar, Lima para mim é a Lima de Jorge Kantor, e seu filho – nosso colega – já se tornou alguém que eu aprecio mesmo sem conhecer. Até as referências teóricas de Jorge Kantor, diferentes das minhas – Matte Blanco, por exemplo, e seu flerte com a matemática – tornaram-se mais interessantes e me despertam mais curiosidade por meio da sua presença. Uma presença redobrada justamente pela sua ausência.

Comovido com a sua morte – apenas algumas horas tinham se passado –, comecei a ler alguns testemunhos que funcionaram como réplicas do terremoto que, de repente, atravessando a cordilheira, havia chegado a mim. Eram apenas mensagens fragmentadas, notas em algum jornal de Lima, de pessoas que eu não conhecia. Mas eram pessoas que Jorge conhecia bem: seus pacientes.

De repente, alguns de seus pacientes decidiram falar sobre seu analista fora do espaço seguro de suas sessões, um espaço que havia desaparecido de repente. E falavam dele como se fala de seu analista, naquele território nebuloso, sempre contaminado por seus próprios fantasmas e paixões transferenciais. Mas, ao mesmo tempo, falavam dele como a pessoa cativante, confiável e próxima que sempre foi. Ainda me lembro da emoção que a leitura daqueles testemunhos provocou em mim.

De um modo bastante mesquinho, a morte do outro é sempre a forma mais próxima que temos de nos aproximar da nossa. E os relatos dolorosos daqueles que se deitaram no divã de Jorge (de Jorge, mas sobretudo *de cada um deles*) me fizeram pensar no modo como alguém se desenha na memória a partir da soma dos relatos daqueles que o conheceram. E em como mesmo os relatos daqueles que o conheceram como *seu* analista puderam – todos juntos se sobrepondo e se esquivando da dificuldade da qual certamente Jorge (assim como todos nós) subjetivamente se eclipsava quando escutava – dar uma verdadeira ideia de alguém que não está mais aqui.

Jorge morreu muito jovem, embora seus precoces cabelos brancos pudessem induzir ao engano. Talvez na esteira de seus pais argentinos e emigrantes, ele pertencesse àquela linhagem de analistas transumantes que, sendo de um lugar, são ao mesmo tempo de todos. E tenho a certeza de que – volto a Javier Cercas em um romance tão simples e cativante como a presença de Jorge Kantor – ninguém morre completamente enquanto alguém se lembra, enquanto alguém conta mais uma vez a sua história.

Tradução do espanhol: Joana Bergman